...nem só a paisagem

AVEIRO, 30 DE MAIO DE 1970 * ANO XVI * N.º 810

Litoral

Director e Editor — David Cristo + Administrador — Alfredo da Costa Santos + Proprietários — David Cristo e Francisco Santos
Redacção Adm. Comp. e Imp. na Tipografia «A Lusitânia», Rua do Sargento Clemente de Morais, 12 — Telef. 23886 — AVEIRO

COSTA NOVA

APONTAMENTO, DESAPONTAMENTO...

de JOSÉ MARMELO E SILVA ● ● ●

5 / Maio / 43. Camioneta. Duas raparigas altas, em cabelo (castanho), ficam no extremo da Gafanha. Dali em diante, só eu, o **chauffeur** e uma mulher de luto (vestes de trabalho, peixeira). A Costa Nova está deserta. Um moliceiro isola-se no pacífico da Ria. Vejo, da paragem, duas casas de pasto abertas, dirijo-me à **Pauseira** (por ter 1.º andar: quero ver tudo à volta). Viúva, a dona sonda-me:

— Não há banho em Maio, sr.!

Ponho-a à vontade:

— Quê! Nem o mar tem água? Já não há companha?

— ...?

— Venho matricular-me. Preciso de trabalhar.

— Pois cantés! A rede apresta-se a sair...

Poiso-lhe a mão no ombro, familiarmente, entrego-lhe o casaco com a maleta, satisfeito desta maneira simples de tratar. (Mulher sadia, musculada, dos seus trinta e três anos, ou pouco mais...). Digo, armando-me do cachimbo, que incendeio:

— Combinados!

Num instante, galgo a duna, estou ao pé do barco, que escorre limos, frescura, abundância. Fumo. Tabaco bom.

— Esmòlinha, mê senhor!

— Esmòlinha!

— Mê senhor! Mê senhor!

— Es-mò-li-nha!

Crianças rotas, hirsutas, mais de uma dezena, estendem-me as mãos sujas, agarram-me por onde podem, a mim, todo olhos para a alegria do puxar das redes. Em cada um dos grossos cabos, cinco juntas de bois conduzidas por rapazes de 18, 20 anos. E estão outros já enrolando os lanços soltos e transportando-os de novo ao barco. Igualmente uma rede (limpa, enxuta) que é subida com o auxílio das mãos. Gestos ritualizados. Toda a Costa Nova se acumulou ali; romeira-mendiga do «Senhor dos Navegantes».

— Esmòlinha, mê senhor! Esmòlinha!

Cabecitas ruças, olhos famintos... Cercam-me, que faço? Desenhados à ré do barco, um boneco chamado **Micas**, umas flores, os dizeres **utêo amor.** Aqui e ali, mulheres paradas, espectantes, carros de transporte com juntas lambendo as últimas farfa-

Continua na última página

UMA UNIVERSIDADE AVEIRENSE

GASPAR ALBINO

AVEIRO tem sede de tradições. Aveiro já tem tradições. É contraditório?

Bem, a resposta será — como aproveitar tradições, como ampliar tradições, como tornar possível o jogo «tradição-vida presente», como fazer do presente uma tradição válida para o futuro?

Aveiro é uma cidade válida e digna do distrito que encabeça, mas essa dignidade tem de ser efectivada cada vez mais na dignidade do seu povo, que se sente, quantas vezes, frustrado.

Aveiro situa-se entre Porto e Coimbra. Poderá isso parecer uma completa vantagem, mas sòmente no caso de se não ver a outra face da realidade que isso pode representar.

Essa situação geográfica de fiel da balança daqueles dois distritos universitários verifica-se também no campo social.

Na vida social aveirense, alguns sentem, e outros pressentem, problemas gravíssimos, inerentes ao academismo (academismo pretende ser estrutura escolar), da-

Continua na página três

Uma pergunta impertinente

SÓ HÁ OVOS MOLES E ENGUIAS EM AVEIRO?

CAROLINA HOMEM CHRISTO

E o bacalhau de que ninguém se ocupa na terra da maior frota bacalhoeira do país, o robalo incomparável, a espantosa tainha, o berbigão tão desprezado e mal aproveitado, o mexilhão, as azevias, as sardinhas, as lulas, a raia para fazer com molho de pitáu, a carne de vaca e de vitela como nunca se comeu em Lisboa (nem no Algarve, a zona mais falada do turismo nacional) os riquíssimos legumes que se criam nas redondezas, etc? Há alguma terra que possa gabar-se de que os seus pratos de nomeada (culinàriamente falando) que provocam verdadeiras correntes turísticas (ou as fortalecem sensìvelmente) sejam confeccionados totalmente com matéria prima nada e criada nas suas entranhas? Porquê então a célebre «Brandade» de bacalhau de Nîmes se em França, como se sabe, nem sequer se come bacalhau, e entre dezenas de outros o «Cassoulet» de Toulouse, ainda mais o da pequena Castelnaudery, procurados por nacionais e estrangeiros, quando em todo o Mundo há os ingredientes próprios para a sua confecção? (feijão branco, pá de carneiro, ganso-pato — não «carne do ganso» — porco, tomate, toucinho fumado e um enchido —

Continua na página três

Inspector Cerqueira

A tão famosa «Cartilha Escolar» do Cerqueira, assim conhecida e pela qual aprenderam as primeiras letras centenas de milhares de crianças de Portugal, ainda hoje constitui elemento pedagógico duma valia para muitos inultrapassada. Vive! — e, com ela, o nome imperecível do seu autor, Domingos José Cerqueira, o tão digno Inspector Cerqueira. E a sua memória permanece ainda em Aveiro — que haverá de memorar-lhe condignamente o nome —, pois em Aveiro viveu grande parte da sua vida operosíssima, aqui casou, no ano de 1907 ,em se-

Continua na página nove

Amizade para sempre!

Dissemos aqui, na pretérita semana, que, no Dia da Fraternidade Belém do Pará-Aveiro, *em 12 deste mês, uma vibrante saudação ao Brasil e à belemita Cidade-Irmã foi proferida em solene sessão de cumprimentos no salão nobre dos Paços do Concelho. Classificámo-la, com justiça, de «primorosa evocação histórica». Assim certamente também julgarão os leitores as palavras da*

DR.ª DULCE ALVES SOUTO

AVEIRO, a irmã escolhida, tereis oportunidade de verificar o quanto gostou do vosso gesto! Nesta preferência amiga, vemos uma atitude que cria deveres, traz compromissos, exige responsabilidades futuras, mas que gostosamente aceitamos e conscientes assumimos, honrados pelo que deste acto vai resultar de inédito: uma herança para os nossos e vossos filhos: herança de assimilação, de vivências, de gostos, de sentir, que são concretização de princípios de há muito postos como necessários e exigíveis, por evidente sentido de aproximação das duas nações. Mas — e disso muito nos orgulhamos — pela primeira vez postas em prática, real, concreta, e proficuamente, nesta fraternidade, vivida pelas nossas terras, que é exemplo positivo do muito que se deve fazer e do muito que podemos esperar seja seguido por outras cidades!

Uma semana entre nós dará certamente para ficardes presos à nossa terra, para irdes a falar uma linguagem de saudade, que aprendereis a conhecer, misturando-vos com a massa anónima, com a gente boa que enfeitou montras para vos receber, que

Continua na página nove

Começou anteontem e termina amanhã, em Aveiro

IV GRANDE PRÉMIO CASAL

No momento em que o presente número do LITORAL sai para distribuição, vai em metade, sensivelmente, a disputa do *IV Grande Prémio Casal:* anteontem, quinta-feira, foi corrida a primeira etapa, de 188 kms., entre a Metalurgia Casal e Valença; e ontem, sexta-feira, num percurso de 195,5 kms., entre Valença e Vila Real, realizou-se a segunda etapa.

Hoje, sábado, estão programadas duas tiradas: com início às 8 horas e chegada prevista para as 12.47 horas, teremos a etapa Vila Real — Porto (Estádio das Antas), na extensão de 167,5 kms.; e, à noite, com início às 22 horas, na Pista das Antas, disputa-se a quarta etapa, que compreenderá vinte voltas (9 kms.) e será corrida em séries a indicar pelo júri.

Finalmente, amanhã, domingo, em fecho do *IV Grande Prémio Casal*, haverá um contra-relógio individual, numa extensão de 45,5 kms., entre S. João da Madeira e Aveiro. O primeiro ciclista sairá às 15 horas, devendo atingir a meta cerca das 16.08 horas. Os restantes corredores partirão intervalados de três minutos.

Para a derradeira etapa, a Metalurgia Casal reservou aos aveirenses um excelente sepectáculo desportivo: a chegada de um «contra-relógio» a *corrida da verdade* — como é hábito dizer-se. Vindos de Cacia, os corredores seguem até ao Eucalipto, passando pelas ruas de Ílhavo, de S. Sebastião, de Eça de Queirós, dos Combatentes da Grande Guerra, de Coimbra e de Viana do Castelo e pela Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, onde percorrem a faixa ascendente, até à Estação, vindo depois pela faixa descendente até à meta final, instalada defronte da «Arla».

A Avenida do Dr. Lourenço Peixinho será vedada ao público, a partir das 14 horas, esperando a Metalurgia Casal a melhor cooperação e a melhor compreensão dos aveirenses para este procedimento, que visa a angariação de receita destinada às duas corporações aveirenses de bombeiros e ao Albergue Distrital. O ingresso custará apenas cinco escudos — e, por certo, os próprios residentes nos prédios da Avenida darão o seu voluntário contributo, adquirindo bilhetes quando os bombeiros passarem sob as suas janelas e varandas.

Foram inscritos no *IV Grande Prémio Casal* 72 ciclistas, que devem ter alinhado anteontem, no início da primeira etapa. Além dos corredores que já referimos na semana finda — do Sangalhos (10), Coelima (10), Ginásio de Tavira (12), Ambar 10) e Benfica (12) — foi assegurado o concurso do Sporting (10) e do F. C. do Porto (10), que inscreveram estes representantes: Leonel Miranda, Emiliano Dionísio, Vítor Rocha, Firmino Bernardino, José Vieira, Manuel Luís, Norberto Timóteo, Manuel Mendes, Armando Leonardo e Rui Santos, pelos «leões»; e Joaquim Leão, Cosme de Oliveira, Hubert Niel, José Azevedo, José Luís Pacheco, Custódio Gomes, Joaquim Leite, Manuel de Sousa, Delfim Santos e José Soqueiro, pelos portistas.

A presença dos melhores valores da velocipedia nacional — falta apenas Joaquim Agostinho, a vedeta maior, por força de compromissos internacionais do Sporting e da «Frimatic» — é garantia plena de que a prova será um êxito, como sinceramente se deseja.

O LITORAL estará presente na competição, por intermédio do Director da Secção Desportiva, seu enviado-especial para cobertura da prova.

Ciclismo

O árbitro é ou não a autoridade máxima no terreno do jogo?

ARTIGO DO ÁRBITRO INTERNACIONAL JOAQUIM CAMPOS

A lei quinta concede ao juiz da partida poderes discricionários, de ordem vária que o fazem acreditar como a máxima autoridade no rectângulo. As regras dão-lhe prerrogativas para fazer cumprir as leis e resolver os casos litigiosos, interromper o jogo sempre que o julgue necessário ou que tal se justifique, advertir ou expulsar e não permitir a nenhuma pessoa o ingresso no terreno além dos jogadores e dos fiscais de linha, sem a sua autorização.

Ora tudo vem a propósito da intervenção da autoridade para fazer sair um jogador renitente em acatar a ordem de expulsão dada pelo árbitro.

Entre nós e nas poucas vezes em que, felizmente, isso tem sucedido, o juiz da partida perante a renúncia do expulsado, tem adoptado o critério de solicitar a intervenção da autoridade policial para fazer cumprir a sua determinação. Tal medida, por drástica, causa uma péssima impressão, transformando o espectáculo numa imagem pouco edificante do que devia ser o futebol, como desporto e, consequentemente, como escola de virtudes.

No primeiro curso da U. E. F. A. para árbitros da élite, realizado em Florença, de 27 a 31 de Outubro do ano findo, o assunto mereceu o estudo das entidades presentes, nomes grados da arbitragem europeia que, debruçando-se sobre este momentoso problema, expendeu a seguinte opinião:

«O árbitro é o único responsável pela expulsão dum jogador. No caso dele se recusar a abandonar o campo será pedida a intervenção do «capitão» da equipa que deverá envidar todos os esforços para que seja executada a decisão arbitral. Se, num prazo limitado, ordenado pelo juiz da partida ,o jogador persistir nos seus propósitos de não sair do terreno, o jogo deve ser dado como terminado. Pedir a intervenção das au-

Continua na penúltima página

DES POR TOS

Secção dirigida por António Leopoldo

Basquetebol

Taça de Portugal

Esgueira, 25 — C. U. F., 42

Em desafio a contar para os quartos-de-final da «Taça de Portugal», entre equipas femininas, defrontaram-se no sábado, no Pavilhão Gimnodesportivo de Aveiro, as turmas do Esgueira e do Desportivo da C. U. F.

Melhores praticantes, as barreirenses actuaram em plano superior às esgueirenses, vencendo, de modo categórico (ao intervalo, a C. U. F. ganhava por 20-12).

Arbitraram os srs. Raul Gonçalves e Álvaro Ramalho (este em recurso, na falta do árbitro nomeado), tendo as equipas alinhado deste modo:

ESGUEIRA — Armanda 2-0, Madalena 0-2, Luzia 7-7, Fernanda 3-2, Piedade 0-2, Ermelinda, Isilda e Maria Inês.

C. U. F. — Aurora 0-3, Antonieta 4-8, Fernanda 7-2, Lucinda 4-6, Albertina 5-3, Juliana, Irene, Manuela, Elisabeth, Maria Ramos e Fátima.

Campeonato de Iniciados

Na jornada de domingo, penúltima da prova, ficou adiado o desafio Sanjoanense — Galitos, por acordo entre os dois clubes, apurando-se estes desfechos:

MEALHADA — BEIRA-MAR . . 14-29
ILLIABUM — ESGUEIRA . . 33-26

Amanhã, na última ronda do torneio, teremos estes jogos:

ILLIABUM — BEIRA-MAR
GALTIOS — MEALHADA
ESGUEIRA — SANJOANENSE

UMA CRÓNICA DO TENENTE JOAQUIM DUARTE

De Cá para Lá...

AVEIRENSES em LUANDA

Oficialmente, e efectivamente, entrou-se no tempo do cacimbo.

Começou assim, a corrida aos agasalhos porque a temperatura, à noite, desce já bastante, e ninguém, ou muita pouca gente, se aventura a sair à rua em traje demasiado ligeiro e com a cabeça descoberta.

Para que não se julgue, principalmente aqueles que nunca aqui estiveram, tratar-se duma brincadeira da nossa parte, podemos asseverar pela boca dum cangalheiro das nossas relações (para longe vá o agoiro) que a época do cacimbo é a mais trabalhosa. Para ele, evidentemente...

Este entroito, impregnado de humor negro, e bem negro por sinal, serviu de preâmbulo. É que vamos falar de aveirenses e não o quisemos fazer sem uma abertura, não diremos de «suspense», como agora está tanto em moda, para dar aos nossos prováveis leitores a ideia mais nítida da notícia, que vos chega desta Luanda, que é enlevo dos angolanos, cidade bonita para os turistas que, cada vez em maior número, vindos dos lugares mais distantes da Terra, a percorrerem boquiabertos; muitos na descoberta dos seus encantos feiticeiros, outros, na tentativa, frustrada, dum remoto sinal de desacato, cheirinho a terrorismo, que não vislumbram, mau grado todo o seu empenho...

Nos últimos anos, uma boa meia dúzia, o que Luanda cresceu, santo Deus! Cresceu para cima, para os lados, de dentro para fora, num desenvolvimento que atingiu, paralelamente, o próprio subúrbio. Como vão longe os tempos do ano de 1963, quando, idos do mar, do Oceano Atlântico que, nestas paragens, mais se assemelha a um grande lago, vislumbrámos a cidade de S. Paulo de Luanda, o burgo de Paulo Dias de Novais, do tempo em que Luanda se escrevia com O, como semanalmente nos recorda Sebastião Coelho no seu «Café da Noite». Como vão longe esses tempos,para bem melhor! Pode mesmo dizer-se que a vida citadina sofreu transformação radical. Não é que as caras, aqui e além, não sejam as mesmas; que o muceque seja inexistente ou que os perigos que ameaçavam Angola tenham desaparecido. Nada disso. A cidade não perdeu, antes refinou, todas as suas qualidades de portuguesismo de que sempre deu mostras.

Mas não era este, afinal, o assunto que nos trouxe aqui.

O desporto era, e é, o tema. Como se cabe, António Peixinho está por cá. Faz parte integrante do meio luadense, que já não o dis-

Continua na penúltima página

Torneio de Tiro aos Pratos

Promovido pela Delegação de Aveiro do Movimento Nacional Feminino, realiza-se amanhã, na Colónia Agrícola da Gafanha, um torneio de tiro aos pratos.

A competição pormete decorrer com bastante interesse, já que os prémios são numerosos e de valor.

O início do torneio está marcado para as 14 horas.

Magnífico «record» de ANTÓNIO PEIXINHO

Em complemento da nótula publicada no último número, podemos registar, jubilosamente, que foi coroada de pleno êxito, a tentativa do nosso conterrâneo António Peixinho, para bater o «record» da ligação, em automóvel, Luanda-Lourenço Marques, fazendo a travessia costa-a-costa da África Portuguesa.

O conhecido «volante» aveirense cobriu o percurso (cerca de 4 800 quilómetros) em menos catorze horas e doze minutos que o anterior «record», fazendo uma média de 120 quilómetros/hora.

Sobre a notável proeza de António Peixinho oferecemos hoje aos leitores a crónica «Aveirenses em Luanda», do nosso dedicado colaborador Tenente Joaquim Duarte, escrita antes do início da memorável corrida, na capital angolana. Pena foi, porém, que o atraso do correio nos tivesse impedido duma jogada de antecipação, não permitindo a inclusão do texto no número da semana finda.

Para António Peixinho, os nossos parabéns pelo seu cometimento, deveras exalçável.

FUTEBOL

«Taça Ribeiro dos Reis»

Resultados da 3.ª jornada:

GOUVEIA — A. DE VISEU . . . 5-1
BEIRA-MAR — ESPINHO 2-0
LAMAS — SANJOANENSE 3-0

Classificação actual:

1.º — Beira-Mar (4-0), 6 pontos. 2.º — Gouveia (9-1), 6. 3.º — Lamas (5-3), 4. 4.º — Espinho (6-4), 2. 5.º — Académico de Viseu (1-11), 0. 6.º — Sanjoanense (0-5), 0.

Jogos para amanhã:

A. DE VISEU — SANJOANENSE
ESPINHO — GOUVEIA
BEIRA-MAR — LAMAS

Beira-Mar, 2 — Espinho, 0

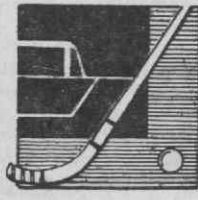
Jogo no Estádio de Mário Duarte, sob arbitragem do sr. Diogo Manso, coadjuvado pelos srs. António Duarte (bancada) e Jorge Peixoto (peão) — todos da Comissão Distrital de Braga.

As equipas alinharam deste modo:

BEIRA-MAR — José Pereira; Bernardino (Loura, aos 45 m.), Viriato, Soares e Almeida; Jerónimo e Celestino; Amaral, Cleo, Eduardo (Armando, aos 53 m.) e José Manuel.

ESPINHO — Fidalgo; Ribeirinho, Silva, Gonçalves e Gomes; Ribeiro e Meireles; Acácio, Naftal, Cálix (Rocha, aos 78 m.), e Chico (Momade, aos 38 m.).

Premiando a actuação mais positiva e equilibrada da turma aveirense, o desfecho ajusta-se ao que se passou no relvado. AMARAL, aos 70 m., e ALMEIDA, aos 76 m., foram os autores dos golos que asseguraram a vitória do Beira-Mar.

HÓQUEI em PATINS

Terminou antoentem, à tarde, a primeira volta desta competição da Associação de Patinagem de Aveiro, com o desafio TERMAS — BEIRA-MAR ,disputado em S. Pedro do Sul, e que finalizou com o resultado de 10-5, favorável à turma do Termas.

Na jornada anterior, em Coimbra, o SPORT fora batido pelo TERMAS, de modo expressivo: 15-3. Assim, a classificação está assim ordenada:

1.º — Termas (25-8), 6 pontos. 2.º — Beira-Mar (20-13), 4. 3.º — Sport Conimbricense, 2.

ANDEBOL DE SETE

Campeonatos Nacionais

I DIVISÃO

Resultados da 7.ª jornada:

SENIORES

SPORTING — PORTO 17-11
S.ª DA HORA — BELENENSES 18-21
V. SETÚBAL — BEIRA-MAR . . 36-8

JUNIORES

SPORTING — PORTO 11-12
C. D. U. P. — BELENENSES . 23-18
V. SETÚBAL — BEIRA-MAR . . 21-11

Continua na penúltima página

Só há ovos moles e enguias em Aveiro?

Continuação da primeira página

esse especial da região). Que quero eu dizer com isto? Responder a um argumento bastas vezes ouvido de que aqui não há melhor cozinha porque «não há na região mais especialidades próprias a explorar». Desculpem, mas o argumento não colhe. Os ovos moles de Aveiro fazem-se com ovos iguais a todos os outros. A sua característica, o que os tornou famosos, não é serem postos por galinhas de Aveiro. É a maneira de os cozinhar. Lá que as enguias sejam diferentes em virtude do cruzamento da água salgada do mar com a água doce do Vouga lhes darem uma qualidade única, isso é outra coisa. Acontece o mesmo com certas carnes em consequência de pastagens, alimentação diferente do gado, climas, etc., como sucede com vinhos de regiões diversas. Mas na generalidade a forma de trabalhar os alimentos (veja-se o «spaghetti» italiano, por exemplo) é que gera as especialidades de cada terra, de cada cozinheiro, ou de cada casa. E não é aos Palaces, nem ao Ritz, que os apreciadores, vejamos em Lisboa, vão procurar um arroz de cabidela, uma «paella» ou uma meia desfeita. Para isso lá está o Joaquim do Castelo de S. Jorge, a «Severa», no Bairro Alto, ou a tia Margarida do Parque Mayer.

Aveiro precisa disso. De tasquinhas ou pequenos restaurantes que aproveitem o que temos de bom, deixando os estafados filetes de pescada com arroz de tomate e outros quejandos que dão a volta a Portugal, ou mantendo-os, se quiserem, para a sua freguesia menos exigente, mas criando os seus pratos privativos, fixos, especiais, que satisfaçam o turista nacional ou internacional, as chamadas «especialidades da casa». Por que não um rico arroz de bacalhau ou de pato no forno (há lá coisa melhor!), uma raia de pitáu, um arroz de mexilhão, berbigão aberto na cataplana, em «tartes», no género fino — uma delícia — uns bons pratos de bacalhau (há-os às dúzias!), uma sopa seca, de carne, o carneiro na caçoila (mas bem feito, tudo bem feito, sem aldrabices), uma bela tainha assada com molho de fircassé, açorda de brebigão, o robalo cozido, na conta, com molho batido de azeite, vinagre e pimenta, em postas grossas, com a respectiva cebola, boa batata cozida com a pele à última hora e o tradicional ovo também cozido, bem apresentado sobre um guardanapo para que não haja água no fundo da travessa a estragá-lo (falta imperdoável) e então para festa, para banquete, o inegualável robalo inteiro, servido frio, de 4 a 5 quilos, sem espinha, cozido quase exclusivamente em vinho espumante com os temperos devidos (uma «bileza», como diria o Dr. Meira, o amigo paraense, há poucos dias no Castelo da Feira, e frente a tudo que o emocionava). E as enguias, claro, as caldeiradas, das autênticas, com brazinos na conta, bem feitas, o que desgraçadamente já só se come por acaso. É indispensável, se querem fazer turismo, formar bons profissionais de aqui. O cozinheiro da escola inetrnacional ,não serve para isto. Há que estimular com prémios, com concursos,como quiserem, uma pequena indústria familiar de restaurante, à laia da que se encontra em França, na Inglaterra, na Itália, onde trabalham marido, mulher e filhos, cozinhando uns, servindo outros (isto é o menos, de resto), que criam e mantêm um tipo de cozinha seu, próprio, que cultivam com amor. Galardoar os que cozinham bem e tomem este caminho, pôr-lhes placas de distinção, dadas pelo Turismo, nos estabelecimentos classificá-los nos guias, em suma: ajudá-los na sua iniciativa.

Com a recente visita dos nossos sósias de Belém do Pará que foram recebidos fidalgamente dentro de um programa inteligentemente escolhido e realizado com lhaneza e galhardia, revelou-se, mais uma vez, a pobreza culinária local. Caldeiradas de enguias, sopas de enguias, enguias de escabeche (fritas, mais vezes, do que assadas como manda o preceito), caldo verde, mais caldo verde, «peixe da Ria» (podia ser de qualquer mar), vitela, vitela, e por excepção, e muito bem, rojões, e creio (não fui a tudo) que um bom bacalhau, algures, e num «pôr do sol» uma chouriçada muito a propósito. Para estes, que não vieram como turistas mas como irmãos e tiveram compensações morais e sentimentais no acolhimento distinto que se lhes fez, no calor e amizade que se lhes deu, não tem importância o que comeram. Mas para o turista indiferente, tem a maior. Só a Ria e o sol, não chega. Há que comer bem e não sempre no mesmo sítio. Torna-se monótono. Se Aveiro quer turismo tem de fazer a promoção da sua cozinha. E não é tão difícil como parece: basta ensinar e premiar. Temos que acabar com o «slogan» de ricos e pobres que aqui vêm de que SE COME MAL EM AVEIRO.

CAROLINA HOMEM CHRISTO

Universidade aveirense

Continuação da primeira página

queles dois grandes meios académicos.

Na hora de verdade que se pretende, analisemos.

Da minha parte, vou analisar já aquilo que mais evidente se me torna, pela minha observação, vivência e formação.

Coimbra viveu, durante muitos anos, ignorando o ensino médio comercial e industrial e, ao dizer Coimbra, incluo também a sua Universidade.

Ignora-se em Coimbra a Faculdade de Ciências Económicas e Financeiras.

Ignora-se no Porto a Faculdade de Direito.

Coimbra está manca, pois, ou menos manca já, talvez, mas manca na sua estrutura escolar e a sua Universidade é incapaz de conjugar os dois sectores de decisão na criação de estruturas sociais e produtivas — o Direito e a Economia, não falando já, das Finanças, sector importantíssimo de macro-decisões.

O Porto é incapaz de conjugar os mesmos sectores.

Aveiro vê e sente o constante balouçar, como fiel de balança que é, com nítido prejuízo de muitos aveirenses, cheios de aveirismo e portuguesismo.

Aveiro tem servido de fiel, mas, por isso mesmo, tem sido um distrito sacrificado que vive, não obstante, baseando-se na boa compreensão de alguns, que se desembaraçam dos obstáculos, sem por eles serem atropelados.

Se Aveiro tem servido de fiel como sacrificado, por que não há-de servir de fiel como beneficiado?

Vamos para uma Universidade Aveirense, para um Aveiro mais esclarecido, e por um Portugal mais sólido e fecundo.

Vamos para uma Universidade que, não pretendendo fazer de Aveiro um distrito auto-suficiente na formação de material humano, faça dele um distrito conhecedor dos seus problemas, sabedor dos meios e processos de os resolver.

Criemos um Aveiro de espírito esclarecido.

Lutemos pelo direito e pelas possibilidades de vida.

Lutemos por uma FACULDADE DE DIREITO e por uma FACULDADE DE ECONOMIA, e teremos aquele Aveiro como conjunto, que todos aspiram legitimamente ter em particular.

E, por que não, até, por acréscimo, pelo estudo das ciências aplicadas da Física e da Química ou da Geologia, tornando Aveiro um centro que, além de esclarecido e com faculdades de decisão para o sector privado e público, seja um centro de formação de técnicos?

Por um Aveiro esclarecido e obreiro, lutemos pela criação da Universidade de Aveiro, elevemos a nossa moral dando força moral àqueles que podem levar mais alto os nossos pensamentos e aspirações. Falemos com consciência, escrevamos com consciência, dando a dita força moral aos que estão em posição de pôr os problemas superiormente.

A convite do Ex.mo sr. Dr. Orlando de Oliveira, distinto Reitor do Liceu Nacional de Aveiro, convite esse suscitado por uma carta que julguei oportuno enviar-lhe a respeito do artigo publicado neste jornal em 18 de Abril, deponho e exponho para o Litoral esta mensagem, querendo, além do mais, fazer eco, para que se mantenha bem presente todo o esforço e finalidade que tem representado o trabalho pró-UNIVERSIDADE DE AVEIRO, de tão ilustre aveirense, que, se o não é pelo nascimento, o é pela sua própria vida.

Agueda, 7/5/70

GASPAR ALBINO

Glosas Marginais

Continuação da última página

peito pelas palavras que exprimem, uma fidelidade quase religiosa ao fenómeno da Criação.

A «Criação do Mundo» é um grande livro! Em qualquer literatura o seria, pelo poder de comunicabilidade, pelo caudal de força impetuosa e pela humanidade que lhe circula nas páginas, vivificando-as de um sangue rutilante.

Dele se pode dizer, com propriedade, como dizia Pascal, que quem «lá catar um autor encontra um homem». E dizer, acerca dele, que se trata de uma obra auto-biográfica parece-me realmente pouco, se o qualificativo lhe é aplicado com intuitos secretos de restrição.

Claro que sim, que arranca de reminiscências autobiográficas; claro que sim, que é um livro que parte de ressonâncias guardadas na retentiva e escalonadas ao longo de uma trajectória biográfica.

Mas não se pode, com nenhuma espécie de razão, confiná-lo numa vereda confessional, porque, e ao contrário, ele dá, através das repercussões interiores, um mundo de gente e de bichos, de paisagens humanizadas e de traços psicológicos, desenhados nos seus traços essenciais, vitalizados por um impulso estuante de força e aquecidos por um calor de incandescência.

Infância e Adolescência exprimem as suas vivências específicas e transmitem, ao mesmo tempo, a visão sincrónica dos homens e da natureza em páginas ressumantes de vida onde, de quando em quando, surge uma nota de lirismo a perfumar a narração e a testemunhar a presença do Poeta que Torga é, medularmente.

Seja qual for a sua muralha de silêncio que, com pedras de um pragmatismo de circunstância, se tem tentado insular o autor da «Criação do Mundo» num cercado de individualismo espinhoso e agressivo, a sua obra, contra todos os ventos e marés circunstanciais ficará como um extraordinário monumento da nossa literatura.

Os seus Contos, o seu espantoso «Diário» (obra ímpar no nosso panorama das letras), o seu «Portugal» (livro que um portuguesismo adulto e consciente deveria difundir para calcificar o esqueleto patriótico da Nação), são obras que nenhum arame farpado de isolamento, nem nenhum desterro de raiz convencional, podem relegar para o limbo do esquecimento.

Como dizia Sá Carneiro, «a sua literatura daqui a vinte anos talvez se entenda»; e entende, com certeza, quando esbatidas certas razões adventícias e desinquinados os juízos valorativos de intromissões indesejáveis, os críticos possam ver a obra através de vidros límpidos e puros de sentido estético e de sentido humano.

FREDERICO DE MOURA

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	SAÚDE
Domingo	OUDINOT
2.ª feira	NETO
3.ª feira	MOURA
4.ª feira	CENTRAL
5.ª feira	MODERNA
6.ª feira	ALA

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

DIRECÇÃO ESCOLAR

Em Lisboa, na Direcção Geral do Ensino Primário, tomou posse do elevado cargo de Director do Distrito Escolar de Aveiro o sr. prof. José Francisco Lavado Corujo. A cerimónia realizou-se no dia 18 do corrente.

Na Direcção Escolar de Aveiro, dois dias depois, foi empossado nas funções de Adjunto o sr. prof. João Pires da Rosa.

O novo Director Escolar já exercera, durante quatro anos, como interino, as altas funções a que foi agora chamado, durante o período da comissão de serviço como Presidente da Câmara Municipal de Estarreja do titular, sr. prof. Boaventura Pereira de Melo; e também o sr. prof. Pires da Rosa ocupou interinamente o lugar de Adjunto, por idêntico período, em substituição do actual Director Escolar.

As provas de competência de ambos, durante as interinidades que preencheram, teriam sido as determinantes das nomeações efectivas agora feitas.

A ambos desejamos as maiores felicidades nos tão responsabilizados cargos em que foram investidos.

Uma palestra no ROTARY DE ESTARREJA

Na quarta-feira à noite, o distinto jornalista e rotário aveirense Eduardo Cerqueira falou, no Rotary Clube de Estarreja, de Homem Christo.

Foi notável palestra, como seria de esperar da competência e proficiência do ilustre polígrafo de Aveiro.

FESTIVAL FOLCLÓRICO AMANHÃ, EM AVEIRO

Assinalando o fecho do *IV Grande Prémio Casal* e promovido pela «Metalurgia Casal», realiza-se amanhã, domingo, com início às 22 horas, no Rossio, um festival folclórico, que será apresentado pelo Dr. Pedro Homem de Mello.

Actuarão o Grupo Folclórico da Região do Vouga, o Grupo Folclórico «Como Elas Cantam e Dançam em Paços de Brandão», o Grupo Típico das Talhadas e o Conjunto Etnográfico de Moldes (Arouca).

Mais uma exposição de ARLINDO VICENTE

De 1 a 14 do próximo mês de Junho, o pintor Arlindo Vicente exporá alguns dos seus valiosos trabalhos em Lisboa, na Sociedade Nacional de Belas Artes.

O acto inaugural será presidido pelo Dr. Pedro Pitta, Bastonário da Ordem dos Advogados, corporação que o Dr. Arlindo Vicente tanto nobilita por seus méritos profissionais.

FESTA DO CORPO DE DEUS

Amanhã, domingo, na Oliveirinha, será celebrada a festa do Corpo de Deus, com o seguinte programa: às 10 horas, missa e comunhão solene das crianças da paróquia; às 16 horas, missa solenizada, com sermão; e, após a missa, saída da procissão eucarística, em que tomarão parte diversas ordens religiosas, irmandades e as autoridades locais.

REUNIÃO DANÇANTE

Hoje, com início às 22 horas, haverá uma reunião dançante na Casa do Povo de Esgueira, em que colabora o conjunto «Pop 6».

Esta reunião está integrada num programa de realizações com vista à angariação de fundos para a construção de um recinto desportivo.

VIDA JUDICIAL

Em substituição do sr. Desembargador Dr. Artur Lourenço que, conforme noticiámos nestas colunas, foi recentemente promovido e colocado na Relação do Porto, tomou posse do cargo de Juiz do 2.º Juízo do Tribunal Judicial da comarca de Aveiro o sr. Dr. Abílio José Valverde, integérrimo magistrado, que veio transferido de Guimarães.

MENORES AFOGADOS

● No dia 24 do corrente, quando em frente ao cais da Empresa de Pesca de Aveiro, na Gafanha, se divertia com alguns amigos, caiu à água o menor de 17 anos, José da Silva Mendes, aprendiz de electricista, natural e residente na Gafanha da Nazaré.

Alertados alguns elementos dos «Bombeiros Novos» que se encontravam no navio *Elisabeth* ali próximo fundeado, dois homens-rãs conseguiram de pronto recolher o inditoso rapaz e transportaram-no ao Hospital de Aveiro onde chegou já sem vida.

● Também no dia 26, quando, cerca das 10 horas, tomava banho no Canal Central, próximo da ponte de São João, pereceu afogado José das Neves, de 17 anos, filho de António Ferreira e de Helena da Conceição.

Uma equipa de homens-rãs dos «Bombeiros Novos», após porfiadas pesquisas, encontrou o corpo do infeliz rapaz, mas já sem vida.

PEREGRINAÇÃO A FÁTIMA

Amanhã, domingo, haverá uma peregrinação a Fátima das paróquias da Glória e da Vera-Cruz e da Reitoria de Santa Joana, a que presidirá o Prelado da Diocese, sr. D. Manuel de Almeida Trindade.

cartões de visita

VIMOS EM AVEIRO

— acompanhado de sua distinta esposa, o sr. Dr. Mário Júlio de Mello Freitas, ilustre Conselheiro da Embaixada de Portugal em Paris.

DE VIAGEM

Integrado na missão comercial do Banco Português do Atlântico, partiu ontem, com sua gentil esposa, para demorada viagem ao Japão e outras distantes paragens, o reputado comerciante aveirense sr. Eng.º Alberto Branco Lopes.

Egas da Silva Salgueiro

Na impossibilidade de poder agradecer directamente a todos quantos se interessaram pelo seu estado de saúde, quer quando hospitalizado, quer quando regressou à sua residência, muito sensibilizado, vem pùblicamente apresentar-lhes os seus melhores e mais gratos agradecimentos.

FALECERAM:

PROF. JOÃO MARQUES RAMALHEIRA

Vítima de doença súbita, quando se encontrava no Illiabum Clube, na vizinha vila de Ílhavo, faleceu, no dia 11 do corrente, o sr. prof. João Marques Ramalheira.

O sr. professor «Guilhermino» Ramalheira, nome porque era geralmente conhecido, diplomara-se na Escola do Ensino Normal de Aveiro, apenas com 17 anos de idade, com a elevada classificação de 18 valores; exerceu o magistério durante cerca de 46 anos, tendo sido condecorado com o grau de Cavaleiro da Ordem de Instrução Pública; foi distinto compositor, violinista e regente da Filarmónica Ilhavense, e precioso colaborador das revistas de Aveiro «A Caldeirada» e «Ao Cantar do Galo»; antigo Director do semanário «Beira Mar» e correspondente de vários jornais diários, o sr. prof. «Guilhermino» Ramalheira era jornalista, poeta e orador de reconhecidos méritos: «A Canção do Mar» e o «Arrais Ançã» são conferências notáveis já dadas à estampa; ao seu esforço e à sua acção muito ficam a dever o Museu de Ílhavo, os Bombeiros Voluntários, o Hospital da Misericórdia, o Património dos Pobres e o Illiabum Clube.

O saudoso extinto, homem íntegro e de cujos méritos falam mais pròpriamente a sua acção e o seu amor à terra que o viu nascer, contava 71 anos; deixa viúva a sr.ª D. Acácia Maia Pinguelo e era pai do sr. prof. Guilhermino Maia Marques Ramalheira e do estudante João Aníbal Maia Marques Ramalheira.

D. MARIA ERMELINDA TEIXEIRA DE MAGALHÃES MAIA

Na madrugada do dia 13, faleceu, inesperadamente, a sr.ª D. Maria Ermelinda Teixeira de Magalhães Maia, esposa do nosso bom amigo Agente-Técnico de Engenharia Júlio Almeida Maia.

A sr.ª D. Maria Ermelinda, que contava 52 anos de idade, era muito estimada e considerada, pela sua natural bondade e pelas suas aprimoradas qualidades e virtudes, esposa dedicadíssima e mãe devotada dos estudantes Júlio de Magalhães Maia, casado com a sr.ª D. Rosália Maria da Cruz Vaz Portugal, Mário e Maria da Graça de Magalhães Maia e do funcionário corporativo sr. António Manuel de Magalhães Maia.

Era irmã das sr.as D. Maria Alice Teixeira de Magalhães Moreira Lobo, casada com o industrial sr. José Augusto Moreira Lobo, e D. Rosa Carmen Teixeira de Magalhães Mota Campos, casada com o escrivão de Direito sr. Francisco Xavier da Mota Campos, e do sr. José Teixeira de Magalhães, casado com a sr.ª D. Maria Carolina Vieira de Magalhães; e cunhada da sr.ª D. Maria Felismina Almeida Maia e Silva, casada com o hoteleiro sr. Jacinto Silva, e do sr. Augusto Sérgio Almeida Maia, casado com a sr.ª D. Maria de Jesus Pereira Maia.

D. ALZIRA FERREIRA DO VALE VARELA

Com 65 anos de idade, faleceu em Aveiro, na madrugada do dia 19 do corrente mês, a sr.ª D. Alzira Ferreira do Vale Varela.

A bondosa senhora, geralmente estimada por suas virtudes e qualidades, era mãe da sr.ª D. Maria Graciete do Vale Varela, casada com o sr. Carlos Júlio Fitorra; irmã da sr.as D. Matilde Maria Ferreira de Macedo, D. Antónia do Vale Leite, D. Rosa Maria Ferreira do Vale e D. Maria de Lourdes Ferreira do Vale Santos e do sr. Jaime Ferreira do Vale; e cunhada dos srs. Júlio Ferreira Leite, Joaquim Vieira Macedo e do nosso bom amigo Francisco dos Santos da Benta.

O funeral da saudosa extinta, que constituiu viva manifestação de pesar, realizou-se na tarde daquele mesmo dia, após missa de corpo-presente na igreja da Misericórdia, para o Cemitério Sul.

Às famílias enlutadas, os pêsames do Litoral

AGRADECIMENTOS

Albino Coelho Sancho

Sua família, impossibilitada de o fazer pessoalmete, por falta de endereços, vem, por este meio, agradecer a todas as pessoas que, de algum modo, lhe manifestaram o seu pesar pelo falecimento do saudoso extinto.

Manuel Marques Novo

Sua família, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, por falta de endereços, vem, por este meio, agradecer a todas as pessoas que, de algum modo, lhe manifestaram o seu pesar pelo falecimento do saudoso estinto.

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO
Primeiro Cartório

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 22 de Maio de 1970, inserta de fls. 39 v. a 41, do livro n.º 485-A, outorgada perante o Notário deste Cartório Lic.º Joaquim Tavares da Silveira, Amélia Carlos Anastácio, casada, natural da freguesia da Gafanha da Nazaré, do concelho de Ílhavo, residente em Aveiro à Av. Dr. Lourenço Peixinho, n.º 154; e, Arnaldo Carlos Anastácio, casado, natural da freguesia da Vera-Cruz, desta cidade e concelho e também residente em Aveiro, na dita Av. Dr. Lourenço Peixinho, n.º 152, foram habilitados como únicos herdeiros legítimos de seu pai Manuel Carlos, que também usou o nome de Manuel Carlos Anastácio, natural da freguesia e concelho de Ílhavo, residente e domiciliado que foi nesta cidade de Aveiro à mencionada Av. Dr. Lourenço Peixinho, n.º 154, freguesia da Vera-Cruz, e aqui falecido aos 25 de Agosto de 1969, no estado de casado com Rosa da Rocha Garrelhas.

Está conforme ao original, nada havendo na parte omitida em contrário ou além do que aqui se transcreve ou narra.

Aveiro, 26 de Maio de 1970

O Ajudante,
Luís dos Santos Ratola

Litoral — Ano XVI — 30-5-1970 — N.º 810

Bombeiros Velhos

Precisam Quarteleiro.
Dirigir proposta por escrito à Direcção.

A NAVEIRO—Transportes Marítimos, S.A.R.L.

Relatório, Balanço, Contas e Parecer do Conselho Fiscal do Exercício de 1969

Relatório do Conselho de Administração

Ex.mos Senhores Accionistas:

Com o presente Relatório e Contas, relativos ao exercício de 1969, terminamos o mandato que V. Ex.ª nos confiaram, e durante o qual tudo fizemos para corresponder à confiança com que nos distinguiram.

A nossa Empresa encontra-se numa situação económico-financeira satisfatória, sendo especialmente de relevar o facto de,e neste momento, o passivo exigível ser de 402 127$95 em relação ao do ano anterior que foi de 688 665$42, apesar de, e como se sabe, o custo do Litoral ter excedido largamente o capital social.

No último ano, os grandes problemas que desde há muito afectam a pequena marinha mercante, e cujos efeitos se sentem com particular acuidade na navegação costeira, mantiveram-se sem solução, que apenas se prevê como possível, quanto for revista e definida uma nova política nacional dos transportes marítimos.

Não obstante o que acima se refere e mau grado o sensível acréscimo dos encargos com o pessoal, os resultados obtidos em 1969 foram superiores aos alcançados em 1968, porque a experiência adquirida anteriormente permitiu um melhor critério selectivo dos fretes e um mais perfeito aproveitamento da unidade de que dispomos, que continua a dar provas excelentes de eficiência e rentabilidade.

Porque a análise comparativa dos números é uma das formas mais práticas e seguras de apreciar uma situação e dela extrair conclusões, vejamos alguns dados de muito interesse, relacionados com a exploração:

Ano	Viagens efectuadas	Mercadorias transportadas (t.)	Produção bruta	Rendimento líquido
1966	51	38 040	3 493 437$73	581 374$18
1967	51	37 483	3 264 953$10	1 051 610$46
1968	51	38 499	3 712 838$00	1 115 592$63
1969	56	41 600	4 112 316$90	1 256 545$80

As firmas Vieira & Silveira, L.da e Bagão, Nunes & Machado, L.da, estreitamente ligadas à nossa Empresa, prestaram-nos uma colaboração técnica verdadeiramente preciosa, digna do maior destaque e de um reconhecimento muito sincero.

O lucro líquido do exercício foi de 480 063$92 — 378 453$82 em 1968 — e as reintegrações atingiram 291 600$40 — 221 450$50 em 1968.

Para a distribuição daquele resultado, apresentamos a seguinte proposta, elaborada de acordo com o critério que se nos afigurou mais adequado ao condicionalismo do momento:

1 — Para o Fundo de Reserva Legal	24 077$30
2 — Para o Fundo de Renovação da Frota . . .	96 716$20
3 — Para dividendo, cativo de impostos	350 000$00
4 — Para cumprimento da parte final do art.º 9.º do Pacto Social	7 185$40
— Para conta nova	2 085$02
	480 063$92

Resta-nos agradecer aos ilustres membros do Conselho Fiscal o magnífico espírito de cooperação e interesse que evidenciaram no desempenho das suas funções, agradecimento extensivo a todos os colaboradores de terra e mar, pela sua dedicação e zelo.

Aveiro, 2 de Março de 1970.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

BALANÇO GERAL EM 31 DE DEZEMBRO DE 1969

ACTIVO

DISPONÍVEL				
— Caixa . . .	802$50			
— Dep. à Ordem	142 359$89	143 162$39		2,34
REALIZAVEL				
CRÉDITOS				
— Devedores e Credores (saldos devedores) . . .		11 035$98	154 198$37	0,18
				2,52
IMOBILIZADO				
TÉCNICO				
— Nav. «Litor.»	6 448 916$90			
— amortiz. .	— 510 916$90	5 938 000$00		
MÓVEIS E UTENSIL.	11 534$00			
— amortiz. .	— 2 134$00	9 400$00	5 947 400$00	97,48
			6 101 598$37	100 %

O TÉCNICO DE CONTAS

Berto Baião Barreiros

PASSIVO

EXIGÍVEL				
DÉBITOS				
— Devedores e Credores (saldos credores)			402 127$95	6,59
SITUAÇÃO LÍQUIDA ACTIVA				
INICIAL				
— Capital	5 000 000$00			81,94
ACUMULADA				
— Reserva Legal	124 922$70			
— Res. de Renov. da Frota . .	94 483$80	219 406$50		3,61
ADQUIRIDA				
Lucros e Perdas:				
— Sal. exer. 1968	15 047$32			
— *Result. Exerc.*	465 016$60	480 063$92	5 699 470$42	7,86
				93,41
			6 101 598$37	100 %

Aveiro-Lisboa, 31 de Dezembro de 1969.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

MAPA DA CONTA LUCROS E PERDAS

DÉBITO

AMORTIZAÇÕES			
TÉCNICA			
— Navio «Litoral»	290 454$80		
MÓVEIS E UTENSILIOS	1 145$60	291 600$40	
DESPESAS GERAIS			
— Despesas administrativas .	499 928$80	791 529$20	
RESULTADOS DO EXERCICIO			
— Saldo do exercício de 1968	15 047$32		
— Lucro líquido do exercício	465 016$60	480 063$92	
		1 271 593$12	

O TÉCNICO DE CONTAS

Berto Baião Barreiros

CRÉDITO

— Saldo do exercício anterior	15 047$32
FRETES C/ EXPLORAÇÃO — Navio «Litoral»	
— Saldo desta conta	1 256 545$80
	1 271 593$12

Aveiro-Lisboa, 31 de Dezembro de 1969

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Parecer do Conselho Fiscal

Senhores Accionistas:

Cumprindo as normas legais e estatutárias, temos a honra de apresentar a V. Ex.as, o nosso parecer sobre o «Relatório, Balanço e Contas» do exercício de 1969.

Durante o ano, examinámos, como habitualmente, os documentos que serviram de base à elaboração da escrita e contas e sempre os encontrámos em perfeita ordem.

Cumpre-nos salientar a meticulosa e prudente política do desenvolvimento que continua a patentear a Administração da nossa Empresa.

Assim, temos a honra de propor a V. Ex.as:

1.º — Que vos digneis aprovar o «Relatório, Balanço e Contas» do exercício de 1969;

2.º — Que aproveis um voto de louvor e reconhecimento à Administração pelo zelo e permanente dedicação, por ela postos ao serviço da Empresa;

3.º — Que aproveis a proposta da Administração quanto à aplicação do saldo da conta «Lucros e Perdas» do exercício findo.

Aveiro, 6 de Março de 1970.

O CONSELHO FISCAL

Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro

ANÚNCIO

2.ª Publicação

O Dr. João Carlos Afonso da Rocha, Juiz de Direito do 1.º Juízo da comarca de Aveiro:

Faz saber que, pela 1.ª secção de processos deste Juízo e nos autos de execução de sentença que *Vizinho, Irmão & Filhos, Limitada,* com sede em Ílhavo, desta comarca, move contra João de Carvalho Gonçalves Laranjeiro e mulher, Mariana Dias Ventura, ausentes em parte incerta e com última residência conhecida na Gafanha de Aquém, desta mesma comarca, correm éditos de 30 dias contados da 2.ª e última publicação do presente anúncio, notificando os referidos executados e ainda os comproprietários António Carvalho Gonçalves, solteiro, maior, Serafim de Carvalho Gonçalves, casado, José de Carvalho Gonçalves, casado, Sebastião de Carvalho Gonçalves e mulher, Maria Helena Paiva de Almeida, todos ausentes em parte incerta e com última residência conhecida no lugar da Patela, Presa, da freguesia da Glória, desta comarca, de que, por despacho de 2 de Março último, foi ordenada a penhora em 1/16 indiviso de um prédio urbano pertencente aos executados, composto de casa térrea com quintal e mais pertenças, sito na Patela já referida, que confronta do norte com Joaquim dos Santos Bela, do sul e poente com caminho público e do nascente com Júlio Augusto Pires, podendo os comproprietários fazer as declarações que entenderem quanto ao direito dos executados e o modo de o tornar efectivo.

Aveiro, 4 de Abril de 1970

O Juiz de Direito,
João Carlos Afonso da Rocha

O Escrivão de Direito,
António Amaro Martins dos Santos

Litoral — Ano XVI — 30-5-1970 — N.º 810

Garagem — Estação de Serviço e Estabelecimento Comercial.

Sita na Av. do Dr. Lourenço Peixinho.

Trespassa-se

Trata: A Predial Aveirense

Telefs: 22383/4 AVEIRO

Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Faz-se saber que pelo Primeiro Juízo desta comarca e Primeira Secção, nos autos de Execução de Sentença em que é exequente o Banco Fonsecas & Burnay, S. A. R. L., com sede na cidade de Lisboa, e executado Dr. António Augusto Portela, casado, empreiteiro de construção civil, ausente em parte incerta e com última residência conhecida na Avenida Infante Santo, número sessenta e oito, Quinto-C, da cidade e comarca de Lisboa, correm éditos vinte dias, contados da segunda publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado para, no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos, deduzirem os seus direitos na execução, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Aveiro, 7 de Maio de 1970

O Escrivão de Direito,

António Amaro Martins dos Santos

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

João Carlos Afonso da Rocha

Litoral — Ano XVI — 30-5-1970 — N.º 810

VENDEM-SE

— **Na quinta dos Santos Mártires**, para rendimento. Eram 55 lotes e restam 12. **Preços agora desde 72.770$00 para habitação**, incluindo projecto definitivo e cálculos, c/ alterações e caderno de encargos à s/ escolha. **Ante-projecto já aprovado**

— Na **Avenida de Araújo e Silva**, 1 lote para moradia.

— Na **Rua de S. Joana**, uma casa de r/c e andar.

— Na **Rua do Príncipe Perfeito**, gaveto c/ Rua S. Joana, casa de brasão e sacadas, c/ terreno anexo. Dá para 8 inquilinos, no melhor local de Aveiro.

— Em **Verdemilho, Estrada Nacional**, 4.000 m2 de terreno a render 6%. Dá para urbanização.

— Em **Ílhavo, à Rua Camões**, casa isenta de contribuição, garagem, anexos e terreno, com 3.300 m2, sendo 120 de frente para arruamento novo. Dá loteamento.

— **Com frente para a E. N., à Estrela do Norte**, 6.000 m2 para indústria ou estaleiro.

Trata: — **Dr. Paulo de Miranda Catarino**

Rua de Luís Cipriano, n.º 13 *AVEIRO*

Telef. 23451 — Resid. 22873

Federação das Caixas de Previdência e Abono de Família

Concurso Médico

Está aberto concurso documental de habilitação por 20d ias, com início em 13 de Maio de 1970 para médicos da especialidade de Estomatologia da Delegação Clínica da Gafanha da Nazaré, da Caixa de Prvidência e Abono de Família do Distrito de Aveiro, devendo a documentação ser entregue na Caixa acima indicada — Av. Dr. Lourenço Peixinho, 110-3.º, Aveiro ou na Federação — Av. Manuel da Maia, 58-2.º Esq., Lisboa, até às 18 horas do dia 1 de Junho do ano em curso.

As condições de admissão encontram-s patentes na Caixa, Federação e Delegação Clínica acima indicada.

Lisboa, 2 de Maio de 1970

A DIRECÇÃO

Telefonistas

— precisa a Casa de Saúde da Vera-Cruz.

Informa-se na Secretaria da mesma.

Rádios — Televisão

Reparações — Acessórios

A. Nunes Abreu

Reparações garantidas e aos melhores preço

Av. do Dr. L. Peixinho, 232-B-Telef. 22359

AVEIRO

SEISDEDOS MACHADO

ADVOGADO

Travessa do Governo Civil, 4-1.º-Esq.º

AVEIRO

Armazém de mercearias finas — PRECISA

Viajante para Aveiro e arredores. No caso de estar empregado indicar ordenado, habilitações e área que conhece. Guarda-se sigilo.

Resposta ao n.º 199.

M. Bem Cónego

MÉDICO

Doenças da BOCA e DENTES

Cons.: R. Cons. Luís de Magalhães, 39A-2.º

Telef. 24 02

AVEIRO

Guarda - Livros

— precisa-se. Informa-se na Ourivesaria Princesa — Rua de Coimbra, 19, em Aveiro

ROGÉRIO LEITÃO

MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças do coração

Consultas às segundas, quartas e sextas-feiras às 16 horas (com hora marcada).

Cons.: — Avenida Dr. Lourenço Peixinho, 83-1.º E — Telef. 24790

Res. — Rua Jaime Moniz, 18 - Telef. 22677

AVEIRO

Precisam-se

Aprendizes de tipógrafos entre os 14 e 16 anos.

Informa-se nesta Redacção.

Terreno para Construção

Vende-se, com a área de 900^{m2}, na zona do Eucalipto.

Informa Manuel Nunes dos Santos — Quinta do Picado. Telefone 94233.

AMORIM FIGUEIREDO

Médico Especialista

OSSOS E ARTICULAÇÕES

Consultório:

Av. Dr. Lourenço Peixinho, 31

Telef. 24355

AVEIRO

2.as, 4.as e 6.as — 15 horas

Residência

Telef. 66220

CASA — VENDE-SE

— no Bairro do Liceu, em Aveiro.

Resposta a este jornal, ao n.º 207, ou pelo telef. 22842.

ATENÇÃO ÀS DONAS DE CASA

Minha Senhora, tem problema com a lavagem e passagem da sua roupa?

Possui agora em Aveiro à sua disposição quem lhe pode resolver esse problema...

Peça informações pelo telefone 23777 e será devidamente esclarecida.

Trespassa-se

— ou arrenda-se, estabelecimento de mercearias, vinhos e cerveja a copo. Sub-agente da «Gascidla», situado nas Areias de Vilar. Motivo de retirada.

Tratar no mesmo.

Inspector Cerqueira

Continuação da primeira página

gundas núpcias, com ilustre filha do distrito aveirense, a saudosa farmacêutica D. Elvira Adelaide de Fontes Ala, que deixaria o mundo há uma década, quase nonagenária, e era respeitada decana das farmacêuticas portuguesas; aqui lhe nasceram os dois filhos mais novos, o aveirógrafo e jornalista Eduardo Ala Cerqueira e o funcionário da Direcção do Distrito Escolar Décio Ala Penha Cerqueira; aqui morreu, em 8 de Dezembro de 1927, a ditar escritos no seu leito de dolorosíssima agonia. Foi exemplo!

Limiano pelo nascimento — viu a luz em Ponte do Lima, no dia 26 de Maio de 1870, há um século, portanto, que rigorosamente se completou na terça-feira desta semana —, estudou no Seminário de Braga e na Escola do Magistério de Viana. Foi professor na sua terra natal, depois de o ter sido noutras localidades; auferiu os mais altos prémios pelos seus méritos pedagógicos; foi o primeiro classificado no concurso para Inspector — e com este então elevadíssimo cargo chegou a Aveiro em 1903; e foi em Aveiro que lhe morreu a primeira mulher, distinta e devotadíssima esposa, da qual teve cinco filhos — Maria José Dantas Cerqueira da Encarnação, Natália Dantas Cerqueira Pinto, Adélia Dantas Cerqueira Oliveira, Maria das Dores Dantas Cerqueira Afonso dos Santos (mãe do famoso cantor-poeta aveirense José Afonso) e Augusto Dantas Penha Cerqueira.

Foi jornalista de merecimento, colaborador apreciado de numerosas publicações. Mas foi, essencialmente ,o homem bom, honrado, esclarecido, que nobilitou todas as funções em que serviu com raríssimo aprumo e competência. E, por ter vivido e casado em Aveiro; por ter sido de sua iniciativa a criação aqui das Escolas Infantis, das primeiras em Portugal, — projectou longe o nome de Aveiro, pois todos o julgavam aveirense, e serviu Aveiro quanto lhe foi possível, com meritória devoção.

Assimilando o primeiro centenário da morte de Domingos José Cerqueira, o Rev.º Padre Manuel Caetano Fidalgo celebrou missa de sufrágio, no próprio dia da efeméride, na paroquial da Vera-Cruz; e a família instituiu dois prémios escolares a serem entregues este ano a cada um dos melhores alunos do Ciclo Preparatório de Ponte do Lima e de Aveiro.

Aqui fica — apenas registo dum centenário — brevíssimo apontamento: outras penas mais autorizadas virão a estas colunas projectar na ampla e rigorosa dimensão o vulto imperecível de Domingos José Cerqueira — o tão famoso Inspector Cerqueira.

Amizade para sempre!

Continuação da primeira página

desfolhou rosas para vos atirar e que carinhosamente vos sorri em cada canto por onde passardes.

Não somos tão alegres como os belemitas que aqui representais, mas temos um não sei quê de nostálgica mistica que falam as folhagens verdes do Vouga, que se capta no branco caiado das casitas dispersas, descendo o anfiteatro das nossas serras ou que se desprende da maresia das nossas praias... O nosso abraço de almas vence as distâncias como o voo das nossas galvotas, adejando, satisfaz as nossas ânsias de sonho lindo: passar o mar para unir as gentes e para, segredando um obrigada, fazermos também uma promessa: somos constantes e, por isso, amizade de hoje será Amizade para Amanhã, Amizade para sempre!

Perpassa um frémito de entusiasmo por todos nós com a vossa chegada que não precisa de explicação: a razão está na forma como recebestes a missão Aveirense que vos visitou. Ouvimos as comovidas descrições que eles nos fizeram; lemos os elogiosos comentários dos vossos jornais à galhardia com que se houveram nessa representação. Deles, não esperávamos outra coisa: tínhamos escolhido responsáveis dignos do vosso honroso convite. De vós, soubemos que fostes inexcedíveis; e tão bem nos disseram e falaram e tanto vibraram, que o dia de hoje é já a resposta dos nossos corações: pois bem: são gente que nos quer bem e são gente de bem, ou, então, como dizia Manuel Bandeira: Bembelelém! Viva Belém!

Algures, em jornal que vos dedica páginas de muita homenagem, já tivemos ocasião de escrever sobre a nossa arte barroca que até vós chegou, sobre a cerâmica portuguesa que também adoptastes. Lemos na pena de Leandro Tocantins, a quem prestamos as nossas homenagens, e aqui presente, «Santa Maria de Belém do Grão-Pará» e aprendemos o colorido da doca belemense do Ver-o-Pêso, enternecemo-nos com Nossa Senhora do Bom Tempo, ou com S. Benedito da Praia; saboreámos, quase, o pato no tucupi a maniçoba ou o açaí. Pois bem: aqui, amigos, terra dos elegantes moliceiros, há enguias e ovos-moles; há procissões imponentes, como a da nossa querida Padroeira, que ides apreciar; há um S. Gonçalinho das cavacas! — e há estaleiros onde se fazem barcos, barcos que são herança de barcos de outrora que sulcaram as vossas águas, que vos descobriram, barcos que são o nosso orgulho e que hoje ainda são o pão de cada dia de muita da nossa gente!

Vemos o século de quatrocentos a prepará-los para as grandes empresas das descobertas! Quantas vezes a Infanta D. Joana, Princesa de Portugal e irmã de D. João II não terá ouvido falar deles, no paço, quando o seu irmão sonhava chegar longe, muito longe! Esse Rei já via a mancha do vosso continente a atraí-lo, ficava-se a adivinhá-lo, com uma contagiante esperança, que passou aos homens de D. Manuel e que dirigidos por Pedro Álvares Cabral a tornaram realidade. Era sonho de família e, dez anos após a morte da nossa querida Infanta, era verdade segura e irrefutável!

E este sonhar e realizar, esta caminhada de esforço para uma certeza honrosa, faz-nos pensar em vós, que chegais ao nosso encontro...

A nossa amizade de hoje, fé em destinos cruzados, também certamente no futuro será certeza de conhecimento total! À maneira dos Romanos da Antiguidade que adoptaram no seu Pantéon os deuses dos povos vencidos e às novas terras levavam os seus, assim nós no futuro conheceremos os vossos hostoriadores, escritores e oradores como vós certamente conhecereis José Estêvão, Magalhães Lima, João de Lima Vidal, e depois mais tarde Alberto Souto, Homem Cristo ou Mário Sacramento! Tiveram ideologias diferentes? Distinguiram-se por diferentes razões? Que importa? Aprendereis que Aveiro os irmana a todos no orgulho que sente por a terem amado, por a terem levado longe! E neste cortejo de nomes juntareis depois os que com coragem foram à Aventura e chegaram às vossas terras! E lá viveram e lá nos projectaram! E o cortejo continua! E a seguir vereis o labor dos nossos estudantes, dos nossos industriais, dos nossos artistas, de todo o pulsar de vida que circula nos canais desta terra amada, desta Aveiro feita dos anseios de todos e de cada um!

E, depois de a reconhecerdes assim, sabereis com certeza cantá-la até, vós que tendes poetas; vós que sois poetas de coração sensível, vós que a escolhestes para vossa irmã, porque a achastes digna disso!

Saúda-vos Aveiro e em nome dela eu vos peço: levai para Belém o nosso saudar e a todos o nosso abraço grande, sincero, profundo! De Aveiro para Belém, com todo o nosso melhor carinho: «Bem Belelém, Viva Belém!» e que em projecção futura, permanente, este abraço se estenda entre as duas cidades irmãs, através das gerações jovens que lá ficaram e que são promessa de esperança, para que neles se torne garantia de fraternidade consolidada!

DULCE ALVES SOUTO

Fraternidade sem fronteiras

Continuação da última página

rotários. E nós o transmitimos ao mundo, não como um rótulo de fachadas monumentais. Nós o praticamos no anonimato de nossas acções, na humildade de nossos gestos, no íntimo dos propósitos que movem nossas atitudes.

Dar de si sem pensar em si — o nosso lema primordial, deve ser o ideal dessa caridade cristã que Rotary propaga e nos infunde. Mas não deve ser uma caridade de exteriorização. Com ele há outro propósito rotário, que o completa: manter boas relações no trabalho, na profissão, nos deveres de cidadão e de indivíduo.

Não bastaria, portanto, a caridade de contribuições avultadas para obras sociais, se não assegurássemos justa remuneração ao trabalho de nossos empregados. Não teria mérito a amizade ao companheiro, se não fôssemos capazes de evitar a concorrência desleal nas actividades de que participamos. De nada serviriam as esmolas, se não lutássemos para anular a mendicidade. Caridade de esmoler, não é ideal rotário.

São estes pensamentos que o Rotary Clube de Belém-Norte pretende relembrar nesta festa. Neste momento em que todos nós, de Belém do Pará e de Aveiro, superando as distâncias oceânicas, abraçamo-nos fraternalmente com o pacto de amizade das cidades-irmãs.

Somos todos participantes de um momento decisivo da civilização actual, que vive instantes críticos de transição. Os jovens do mundo inteiro manifestam a impaciência e a rebeldia, porque compreenderam muito bem quanto é efémera e falaz a caridade sem justiça.

E eu me considero entre os jovens, porque embora com as responsabilidades de participar directamente do governo do nosso município, estou entre a geração que saiu há dez anos das universidades para assumir o comando do destino dos povos. Eu tenho orgulho de representar na administração municipal de Belém. «Poder jovem» que atingiu bem cedo os elevados escalões da autoridade governamental. Mas chegou lá sem contestação negativa, propondo, ao contrário, afirmações construtivas que repudiam os extremismos ideológicos, colocados equidistantes na posição corrente do solidarismo cristão.

Por isso mesmo, a mensagem que vos trago é a mesma dos ensinamentos do II Concílio do Vaticano: Não devemos dar por caridade, se estamos obrigados por Justiça.

Continuações

O árbitro é ou não a autoridade máxima no terreno do jogo?

toridades policiais para mandar sair o elemento expulso, é contrário ao espírito das leis e diminui o prestígio do director da partida. Não se deve recorrer a esta medida ainda que se trate dum jogo de grande importância».

E aqui está o motivo do título deste trabalho: O ÁRBITRO É OU NÃO A AUTORIDADE MÁXIMA NO TERRENO DO JOGO? Se tiver que recorrer, como aqui se faz, à Polícia para fazer sair do campo um jogador expulso ele perde a sua posição de autoridade máxima, que só poderá manter se, em face da renúncia, e esgotados todos os recursos, der o jogo como terminado.

Resta apenas que a Federação Portuguesa de Futebol alerte os clubes das funestas consequências que podem advir da falta de cumprimento desta determinação.

JOAQUIM CAMPOS

Aveirenses em Luanda

pensa quando se fala de automobilismo. De tal maneira, que Peixinho é considerado como corredor angolano sempre que toma parte em provas onde a sua perícia e muito valor vêm ao de cima.

Há dias, o piloto aveirense venceu o Circuito Aniversário, comemorativo do 353.º aniversário da cidade de Benguela. O seu mais directo opositor, o portuense Nicha Cabral, desistiu por avaria mecânica, mas a verdade manda que se diga da justiça da vitória do representante de Angola. Efectivamente, Peixinho já comandava a prova quando se deu o incidente.

À hora a que sair o LITORAL, a proeza está consumada. Pelo menos, tudo indica que a equipa formada por António Peixinho, Jaime Saint Mourice e Eduardo Baião consiga levar por diante a aventura. Na última 3.ª-feira, dia 19, os três homens meteram-se ao caminho na tentativa de bater o máximo na distância entre Luanda e Lourenço Marques, por estrada, naturalmente. Na hora da partida, Peixinho que tripulava um Alfa Romeo, confidenciou-nos para a Emissora Católica de Angola que contava cobrir os 4 800 km. em 47 horas! Nas estradas da provincia tentaria fazer a média de 120 k m. por hora, para, já na África do Sul, passar aos 100, uma vez que ali o limite de velocidade não permite ir mais além. Claro que o grande obstáculo seria o sono, óbice que julgava vencer com a colaboração dos companheiros de viagem.

Evidentemente que o piloto aveirense não procurou o prestígio pessoal ao entrar nesta tentativa, mas, antes, como bom profissional projectar ainda mais o nome do Alfa Romeo. Um prestígio de marca, como se vê, a marca onde António Peixinho tem evidenciado toda a gama de excelentes recursos ao volante das máquinas diabólicas, que são os carros de corrida.

Outra figura, esta do basquetebol, chegou a Luanda. Há meia dúzia de dias apenas, se encontra entre nós o Zé Valente, que foi do Esgueira, do Benfica (onde foi campeão nacional e do Sporting, onde alinhava quando se meteu a caminho destas paragens.

Intimamente, cremos que o Valente fez muito bem. O popular «Zé» do Esgueira pode desenvolver trabalho de valia no seu novo clube, o Sporting Clube de Luanda. Pela conversa travada, deduz-se que o antigo atleta esgueirense vem animado de toda a boa vontade em produzir obra útil e proveitosa. Para já, o que consideramos muito importante, o Valente já conquistou as simpatias dos dirigentes do seu novo clube, o que é uma vitória espectacular, se atendermos a alguns dos antecedentes em casos análogos.

Como se vê, Aveiro está representado em Luanda, desportivamente, da melhor maneira. Em outra oportunidade, traremos a estas colunas outros nomes, outros valores que nestas terras de África representam condignamente o nome do distrito de Aveiro.

Luanda, Maio de 1970

JOAQUIM DUARTE

Andebol de Sete

Jogos para esta noite:

SENIORES

V. SETÚBAL — S.ª DA HORA
PORTO — BEIRA-MAR
BELENENSES — SPORTING

JUNIORES

V. SETÚBAL — C. D. U. P.
PORTO — BEIRA-MAR
BELENENSES — SPORTING

Totobolando

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 40 DO «TOTOBOLA»

7 de Junho de 1970

Jogo	Prognóstico
1 — México — Salvador	1
2 — Israel — Suécia	2
3 — Inglaterra — Brasil	2
4 — Bélgica — Alemanha	2
5 — Vizela — Guimarães	2
6 — Leça — Boavista	X
7 — Penafiel — Salgueiros	1
8 — Gouveia — Beira-Mar	2
9 — Torres Novas — Peniche	1
10 — Tramagal — U. Santarém	1
11 — Oriental — C. U. F.	2
12 — Luso — Barreirense	2
13 — Portimonense — Sesimbra	1

GLOSAS MARGINAIS

FREDERICO DE MOURA

«OS DOIS PRIMEIROS DIAS» *da* «CRIAÇÃO DO MUNDO» *de* MIGUEL TORGA

Quando o correio me entregou a 4.ª edição de «os dois primeiros dias» da «Criação do Mundo» de Miguel Torga estremeci logo que, aberto o pacote, li que a edição era refundida. Pergunto a mim mesmo se «o livro de um canibal» pode sofrer refusão sem que a força criadora originária, espartilhada em limitações e podas de estilo, seja esbatida no ímpeto ou poluída na virgindade de comunicação. É que a «Criação do Mundo» e, designadamente, estes «dois primeiros dias» representam, para mim, um marco miliário na via artística do Poeta, quer por motivo de razões que são intrínsecas à própria obra, quer por ligações circunstanciais que me prendem a ele desde o ovo, isto é, desde que, da boca do Torga, ouvi a leitura das primeiras páginas, nos longínquos tempos de Coimbra.

Já lá vai uma carrada de anos e, no entanto, ainda sinto a bater-me nos tímpanos a sua voz, forte e imperativa, a intimar:

— «Para diante cagão dos infernos...»

De maneira que, de cada vez que a obra é passada na peneira miúda da insatisfação sempre renovada do autor, sinto um baque no coração, e lanço-me à leitura cheio de uma curiosidade encavernada de inquietações.

Terá a filtragem laboratorial refundidora privado a linfa originária do condimento sápido da comunicabilidade intensiva em favor das exigências de um estilo podado de possíveis exuberâncias literárias, ou mondado daquilo que uma presentânea mundivivência do autor julgue intromissão adventícia?

Confesso que já era tempo de me ter instalado na certeza de que o Torga mexe na sua obra com um respeito sagrado não lhe tocando, nem ao de leve, nas paredes mestras de granito, nem no travejamento de cerne de castanho; reconheço que já devia estar ciente de que a sua rigorosa e exigente auto-crítica não tem portas abertas por onde deixe entrar o mau gosto de sacrificar qualquer coisa de essencial a compromissos estilísticos ou a modismos imperantes na campina literária.

Torturado, que é, da expressão correcta e inimigo jurado de barroquismos empolados, tem, a par do res-

Continua na página três

Continuação da primeira página

... nem só a paisagem

lhas, rostos — velhos e novos — amargurados de inactivos, ganapas de pele esfolada ao sol, cabeças irreverentes à submissão comum, gaivotas...

— Esmòlinha! DÊ!

Mãozitas suspensas, vazias... Apertam-me o cerco, junta-se-lhes um encanecido, outro ainda, — bocas brancas, salitradas...

— Famila com fome...

E eu, desprevenido de tudo isto, reajo do modo mais execrável: desembaraço-me da fome, da muralha da vergonha, distribuindo moedas... (um pequeno burguês!) — vejo o relógio (não vejo as horas), apego-me aparentemente ao sortilégio. Esfumaço.

Preguiçoso, o mar deixa enfim entrever a rede, — bojuda, uma fartura. Bois e moços caminham agora a um ritmo de carrocel. «— Êixe! Ôu! Ôu!», gritaria do auge, que redobra e a todos se comunica, magnética, quando o lampejar do peixe rompe a saltar sobre as bóias da rede: Explode nisto a alegria, erguem-se braços: «— Sardinha! Sardinha!»

De repente, o saco avança, descoberto de toda a sua prenhez, e espoja-se pela areia, no deslumbramento duma imensa dádiva, — ventre de milhares de coruscações ainda tocadas pela babugem do mar. Duas, três centenas de olhares cravam-se na alacridade daquela abundância.

Abundância! Interrogo-me: «— Que sentem? Que pensa toda esta gente? Abundância de quem? Para quem?»

Envergonhado, volto à pensão.

JOSÉ MARMELO E SILVA

JOAQUIM MOREIRA: A (RE)VALORIZAÇÃO

A propósito de "A MÃE DE QUALQUER DE NÓS"

CONSIDERAÇÕES DE ARTUR FINO

Num espaço-tempo em que o pessimismo não é assumido como expressão de compromisso mas como conceito necessário de promoção estética, JOAQUIM MOREIRA assina, na obra ora editada, a responsabilidade de modificar o seu próprio tempo.

Abdicando voluntàriamente das coordenadas (selectivas, especialmente) que transportou para gravações anteriores, JM surge-nos em *nova forma lavada*, a libertar-se dos elementos que lhe eram comuns, ou seja, com o reconhecimento da necessidade duma emancipação que propõe, hoje, em dimensão deshierarquizante (a selecção é elucidativa neste ponto) — renúncia efectiva a conceitos imobilistas para que seja possível a transposição para o autêntico.

«A MÃE DE QUALQUER DE NÓS» é, sobretudo, um trabalho honesto, uma tentativa salutar de acesso ao quotidiano vivo.

A Mãe é o tema. Tema de profunda afectividade constitui, por outro lado, viagem imprevisível no tempo, responsabilidade inerente a todos nós rasgada no sulco da nossa consciência.

Projectadas pela voz de JM, as poesias seleccionadas dão-nos — numa dinâmica que é, paradoxalmente, anti-fatalista — a perspectiva duma situação a rever: a amargura é uma solicitação exigível e imediata de comparticipação com o valor duma necessidade inalienável.

Libertando-se dum impasse possível, JM deixa-nos, com esta tentativa, a imagem branca, límpida, o desejo duma (re)valorização sentida, o *impacto* dum trabalho onde se sente a conjugação dum esforço conjunto, numa sadia aceitação de vivência colectiva em que, a sensação apriorística de angústia é, neste caso e pelo contrário, o *algo possível* para uma consciencialização mais ampla (dele, nossa, de todos) das realidades dum quotidiano que nos passa à porta.

JM não vai quedar-se por aqui, assim o esperamos, na espectativa de póstumos troféus, pois não é em vão que se criam responsabilidades. E, neste caso já, a opção é evidente, o que torna a sua situação deveras significativa.

Legando-nos um trabalho que é uma sugestão para o homem que acredita no homem, JM insere, no nosso tempo, uma mensagem de amor que fica, agressiva, desnudada, a assumir posição de intransigente proposta.

«A MÃE DE QUALQUER DE NÓS», título genérico desta selecta de poesia gravada, é uma tentativa saudável, uma audição a recomendar.

(a) — Disco de 45 RPM em edição RR.

Título, «A MÃE DE QUALQUER DE NÓS».

Poesias de José Gomes Ferreira, António Gedeão, Maria Teresa Horta, José Simões Dias, Sebastião da Gama e Almada Negreiros, ditas por JOAQUIM MOREIRA.

Fundo musical de Eugénio Pepe, interpretado pelo mesmo.

Colaboração de Padre Paulino Gomes e Mário da Rocha.

Capa de Artur Fino.

EXPOSIÇÃO *de* Humberto Elias

Hoje, pelas 17 horas, será inaugurada, no Salão Municipal de Cultura, à Praça da República, uma exposição de quadros do jovem, mas já famoso, artista colombiano Humberto Elias.

Os seus trabalhos, de específica feitura, impõem-se tanto por uma técnica muito pessoal como pela expressividade com ela alcançada.

A iniciativa da exposição, que continuará patente ao público até 6 de Junho, é do Consulado da Colômbia no Porto e da Comissão Municipal de Cultura de Aveiro.

FRATERNIDADE *sem* FRONTEIRAS

No dia 14 do corrente, o Rotary Clube de Aveiro recebeu festivamente a embaixada brasileira que nos visitou na jubilosa quadra das Festas da Cidade. Foram ali eloquentes as palavras, que a seguir damos à estampa, do Consultor-Geral da Prefeitura de Belém do Pará, o rotariano

DR. EUDIRACY ALVES DA SILVA

QUEM vos fala não é um portador de brasões ou insígnias de nobreza, herdadas pelo acaso do nascimento. É apenas alguém que traz ao peito o galhardão do próprio esforço, o emblema rotário que enobrece muito mais, porque atesta, não o acaso de descendência ilustre de heris antepassados, mas sim o propósito de estar servindo a um ideal presente e actuante.

Esta festa de confraternização rotária, episódio marcante das solenidades que traduzem, no abraço fraterno de nossas cidades, a alegria do carinho lusitano, esta festa — repito — deve ser entendida por nós rotarianos, não sòmente como confraternização de portugueses e brasileiros. E já seria significativa. Nem mesmo apenas com um pacto de amizade de duas nações irmãs, que falam a mesma língua, conservam os mesmos hábitos e comungam dos mesmos ideais. E já seria sublime.

Esta reunião é mais do que tudo isso. Muito mais significativa e muito mais sublime, porque constitui uma afirmação de Rotary Internacional, no seu ideal de fraternidade entre os povos de todas as raças, de todas as línguas, de todas as religiões e de todas as ideologias políticas. Fraternidade sem distinção, sem barreiras alfandegárias e sem fronteiras nacionais, que prega o amor como único instrumento da paz social que todos almejamos.

«Amai-vos uns aos outros», o mandamento divino da caridade, está contido em nossos manuais

Continua na página nove